

ARTIGO DEFINIDO

Canto de amor
a uma cidade iluminada

Regina Stella

De tanto ardil faz uso o tempo para envolver este pobre mortal, que cheio de inquietação em satisfazer os seus anseios, nem percebe quão célere ele passa e quão fugaz é a sua permanência, nessa sequência infindável de instantes que compõem os dias e as noites que se prolongam em anos, e em última instância constituem a vida.

Da manhã ao entardecer, na preocupação de realizar os projetos e as prioridades enumeradas na desgastada agenda, onde retalhada se mostra a vida, conclui quão curtas são as horas, como se tivesse sido cometido um erro, dispondo o dia de apenas vinte e quatro horas! Para as tarefas programadas, o ideal seria que fosse duplicado cada dia, mais demorada a rotação da Terra, e prolongada duração tivessem também as horas!

Jogando para amanhã o que planejara para hoje, o homem acredita ao futuro a realização do desejo, o sonho, o projeto, o encontro, com a constante sensação de que está sempre começando, dando início a algo urgente que o dia seguinte vai tornar real.

Ardil do tempo! No fascínio de viver um outro dia, na expectativa do amanhã ele se esquece do hoje, e não constata o rápido fluir das horas! E se passa um dia, um mês, um ano, dez anos, vinte! E ninguém viu, e ninguém sentiu quão impiedoso correu o tempo, quão rápida passou a vida!

Ainda ontem Brasília começava, e dava os primeiros e hesitantes passos. Lá se vão trinta e três anos! Um gigantesco descampado, tendo por teto um infinito azul e por chão um solo ressequido e agreste, o cerrado era um desafio para o peregrino que chegava, imbuído do sonho de plantar aqui suas próprias raízes e ajudar a erguer uma cidade que fosse um marco e um ponto de partida para este país-continente.

Mãe! Quero ir embora desta cidade desmanchada!" dizia, inseguro e em prantos o menino, seis anos apenas, ao chegar ao planalto, amedrontado ante a rusticidade ao seu redor, o barro vermelho, o lamaçal, os edifícios em meio à terra brutal! Era a pedra, a cal, os montes de areia e ferro retorcido no lugar das folhagens! Tão só o chão aberto em profundos sulcos, e as máquinas e os tratores revolvendo, deitando à superfície as entranhas da terra. Jornalista, hoje, se ilumina o seu semblante ao falar de Brasília, cidade que viu crescer, se vestir de verde nos gramados ondulantes, esplendorosa se tornar mulher, e se pintar do lilás das quaresmeiras e do dourado das acácias.

Díficeis os primeiros tempos, contudo fascinantes e cheios de magia. *Aqueles que aqui chegaram, pioneiros, fizeram a entrega do que tinha de melhor, sua juventude, seu sonho, sua fé.* E Brasília, lhes devolveu multiplicada a doação. Já não mais "cidade do futuro", como diziam seus adversários, ironizando a precariedade dos primeiros tempos, mas se afirmando sempre mais no presente, ninguém hesita em afirmar que Brasília era inadiável como capital, pólo irradiador de progresso e desenvolvimento. Quem ousa, ainda, propor o retorno da capital ao litoral e quem contesta a sua importância e o seu desempenho como centro das altas decisões nacionais?

Uma geração nova percorre, hoje, seus amplos espaços e propõe novas conquistas no plano político, econômico e intelectual. São fruto desta terra, candangos desde as primeiras horas que vivenciaram na infância e na adolescência o desafio, a ousadia e a obstinação. Arquitetos, jornalistas, músicos, advogados, artistas plasmaram a sua personalidade nestes espaços abertos, sem fronteiras, e sentem a vida como uma projeção da amplidão a que se habituaram, onde não é proibido transpor, se exceder, transcender.

Em festas, neste 21 de abril, Brasília e o meu coração. Pelo privilégio de ter chegado a estas paragens desde as primeiras horas, pelas descobertas fascinantes vivenciadas nestes 33 anos de sua existência.

Meu canto e meu verso a esta cidade! Meu peito de amor a este chão.

